



PROTAGONISMO INFANTIL E ESCOLAS DE SAMBA
MIRINS: QUANDO O SOM DOS TAMBORES APRENDIZES
DO SALGUEIRO TOCARAM (N)A BATERIA FURIOSA

CHILD PROTAGONISM AND SAMBA MIRINS SCHOOLS:
WHEN THE SOUND OF THE SALGUEIRO'S LEARNING
DRUMS TOUCHED (N) THE FURIOUS BATTERY

Cássia NOVELLI¹

Jardel Augusto DUTRA DA SILVA LEMOS²

¹ Jornalista especializada em Transmídia e graduanda em Pedagogia/UERJ. E-mail: cassianovelli@gmail.com

² Doutorando em Educação - PPGE/UFRJ. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação/UERJ. Especialista em Saberes e Práticas na Educação Básica - Ênfase em Ensino Contemporâneo de Arte - CAP/UFRJ. Bacharel em Dança/UFRJ e Licenciado em Geografia/UERJ. E-mail: jardelaugusto@hotmail.com





RESUMO

O presente ensaio pretende evidenciar o caráter dialógico e o protagonismo infantil presente nas relações cotidianas e intergeracionais entre crianças integrantes das escolas de samba mirins e atores sociais das escolas mãe, a partir de uma situação acontecida na escola de samba Acadêmicos do Salgueiro e sua escola mirim, a Aprendizes do Salgueiro. Pretendemos com esta pesquisa ampliar o debate e contribuir para novas pesquisas envolvendo as crianças no espaço da escola de samba. Para atingir este objetivo, realizamos um levantamento dentro de materiais de algumas escolas mirins e levantamento de dados encontrados sobre o assunto. Seguimos as postulações de Rufino e Simas (2019), Larrosa (2018), Baktin (1927/1829), entre outros. A pesquisa mostrou o incentivo a produção e valorização das escolas de samba mirins, como fonte de interação, alteridade e preservação de uma renovação da história e memória. Diante do exposto, Escutar o que dizem as crianças é a chave para abrir portas e encontrar novos caminhos de protagonismo no mundo do carnaval.

PALAVRAS-CHAVE

dialogia; protagonismo; sociologia da infância; escolas de samba mirins

ABSTRACT

The present essay intends to highlight the dialogical character and the child protagonism present in the daily and intergenerational relationships between children from junior samba schools and social actors from mother schools, based on a situation that took place at the samba school Acadêmicos





do Salgueiro and its junior school , to Aprendizes do Salgueiro. With this research we intend to broaden the debate and contribute to new research involving children in the space of the samba school. To achieve this goal, we conducted a survey using materials from some child schools and surveyed data found on the subject. We followed the postulations of Rufino and Simas (2019), Larrosa (2018), Baktin (1927/1829), among others. The research showed the incentive for the production and valorization of junior samba schools, as a source of interaction, alterity and preservation of a renewal of history and memory. In view of the above, Listening to what children say is the key to opening doors and finding new ways of being protagonists in the world of carnival.

WORDKEYS

Dialogia; Protagonism; childhood sociology; junior samba schools.

TEM CRIANÇA NO SAMBA

Escolas de samba são em suas origens instituições comunitárias de construção, dinamização e redefinição de laços associativos e comunitários, para a catalisação de axé do grupo.

RUFINO E SIMAS

Neste ensaio vamos direcionar nosso debate para o que nos apresentam Rufino e Simas (2019). As escolas de samba como instituições de construção. Dinamização de interesses. Formações. Culturas. Redefinições de laços. Escolas de samba que em suas origens, nascem instituições comunitárias de





construção, dinamização e redefinição de laços associativos e comunitários, para a catalisação de uma vida. A força de um grupo para a efetivação de algo no espaço geridos pelas escolas de samba. No nosso de recorte, por e pelas crianças³. Afinal existe crianças nas escolas de samba? Mas antes de responder esta pergunta, precisamos lembrar ao leitor pontos importantes da grande teia histórica do samba.

O samba a muito tempo está associado a movimentos de resistência da cultura e ancestralidade do povo negro. São saberes, em sua grande maioria, transmitidos de forma oral entre gerações, que se difundem nas complexas redes de relações sociais em que o papel de mestres e aprendizes, muitas vezes se alternam, como pretendemos demonstrar aqui. Mas não foi sempre assim.

É interessante salientar que, apesar de arquivos, histórias contadas nas quadras, em livros, registros sobre a realização carnavalesca na cidade Rio de Janeiro desde o século XVII, foi a da integração das elites cariocas no cortejo mais popular da terra, que deu a largada necessária para a institucionalização da festa. Influenciada pelos europeus, que achavam a folia exótica fascinante, colorida e exótica, a participação das classes altas, foi fundamental para que o Carnaval ganhasse *status* de manifestação cultural popular do Brasil.

Com o passar do tempo e toda repercussão gerada pelas manifestações nas ruas, o Estado decidiu organizar o que conhecemos hoje como “Carnaval”, transformando avenidas em palcos, concedendo licenças para os desfiles em espaços fechados, e investindo tempo sim, tempo não nas escolas de samba.

³ Entende-se criança pelo Art. 2º do Estatuto da Criança e Adolescente/ECA. Considera-se criança, para os efeitos da lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.





Estes movimentos foram muito importantes para o Carnaval. Com ele, o samba passou a ser reconhecido para muitos, como parte fundamental da nossa identidade nacional.

O segundo ponto importante é apresentar a relação intrínseca do samba com os territórios onde se dão as sociabilidades correntes, o resgate de suas memórias e o valor da identidade de seus integrantes, que disputam nesse movimento sua representatividade. É essencial assim que a valorização do samba enquanto potência transformadora, como expressão da cultura popular e na sua dimensão de movimento social seja evidenciada também nas pesquisas acadêmicas, dada a sua relevância.

Só assim faremos cada vez mais com que o samba alcance lugares nunca almejados. Que se torne cada vez mais tendência para ser reconhecido hoje pela sociedade e pela comunidade em geral e principalmente pelas políticas.

Na cultura brasileira o carnaval é muito mais do que um simples festejo, ou um feriado, constitui uma das peças que compõem a identidade brasileira, sendo esta entendida como tudo aquilo que nos diferencia dos estrangeiros. A necessidade de estabelecer uma identidade é inerente ao ser humano, um mecanismo de auto-afirmação que é contraditório, já que é composto mutuamente pela diferença e pela semelhança, somos diferentes dos outros (estrangeiros), mas somos iguais aos que compõem a ‘nossa comunidade’ (em termos de nação: brasileiros). É através da diferença com relação ao outro que a idéia de unidade da nação se constrói. Assim, o carnaval/ samba constitui um elemento de diferenciação com relação ao outro, servindo como uma marca do ‘ser brasileiro’. (Delgado, Anna, 2012, p. 01)

E as crianças no samba? Existe relação/preocupação das crianças e as escolas de samba? E as crianças e sua necessidade de estabelecer uma identidade?





As redes de sociabilidade do samba contam com a presença das crianças desde o seu advento. Com a eclosão das escolas de samba, elas passam a ocupar lugares específicos como a ala das crianças, mas é na década de 80, com a profissionalização crescente nas escolas que as instituições passam a ter uma preocupação maior com a continuidade e a formação de uma mão de obra conectada com a tradição. Cria-se então as escolas de samba mirins⁴.

A cidade do Rio de Janeiro⁵, foi a primeira cidade a criar a primeira escola de samba mirim, denominada Império do Futuro, em 1983. A partir deste ano, outras escolas surgiram e passaram a se apresentarem no sambódromo, onde abriam o carnaval desde o ano de 1999, apresentando-se na sexta-feira de Carnaval. E contavam com um grande público. Durante os anos 2000, surge por algumas escolas, em mudar o dia do desfile para a terça-feira de carnaval. Com o surgimento da “nova série A, resultado da fusão dos grupos A e B, em 2013, fez com que os desfiles mirins passassem a desfilar na terça-feira de carnaval.

No entanto, pouco se observou qualitativamente as sociabilidades presentes nesse rico espaço de troca. Essas aproximações promovidas entre escolas de sambas mirins, escolas mães e as crianças, são suporte para uma participação social e política cada vez maior dos jovens sambistas, que tem nesses espaços a possibilidade do protagonismo, fazendo eco para outros

⁴ Escola de samba mirim é um tipo de agremiação recreativa e cultural, semelhante a uma escola de samba tradicional, mas voltada para crianças. Geralmente são ligadas a uma escola-mãe e costumam ter cunho social, a fim de ocupar as crianças com atividades sócios-culturais.

⁵ As escolas de samba mirins cariocas contam atualmente com duas ligas: LIESM (Liga Independente das Escolas de Samba Mirim) e a AESM-Rio (Associação das Escolas de Samba Mirim), no entanto todas desfilam no mesmo dia. Em nenhuma das duas ligas há competição, sendo que apenas os melhores em cada segmento são premiados.





espaços de atuação, não só como sujeitos e sambistas que são e que talvez serão, mas por quem já são enquanto cidadãos:

Como os outros grupos sociais, as crianças arranjam suas existências cotidianas com os meios que podem. Esses meios lhe são dados pelos dispositivos de socialização que lhes são impostos ou propostos. (JAVEAU, Claude, 2005, p. 386)

É nesse (re)arranjo que as crianças, buscando as brechas para exercer o seu protagonismo, agem inaugurando possibilidades, forjando dispositivos em sua potência criadora e inventiva, onde muitos adultos não vislumbrem perspectivas, alterações e subversões.

Foto 01: Protagonismo das crianças na bateria do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizizes do Salgueiro



Fonte: <http://www.salgueiro.com.br/aprendizes-do-salgueiro/>





1. RESGATANDO MEMÓRIAS DA INFÂNCIA SALGUEIRENSE

Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei.

MANOEL DE BARROS

No final de 2019, em um evento realizado no Teatro Zienbinsky, na Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro, os atuais mestres de bateria da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, Gustavo e Guilherme davam uma entrevista, quando um pequeno trecho da conversa chamou a atenção: uma bossa de tamborins criada pelos integrantes da bateria da escola mirim da agremiação Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro foi executado no desfile oficial pela Furiosa, apelido da bateria G.R.E.S Acadêmicos do Salgueiro. No relato, ficou perceptível a evidência do protagonismo de crianças e jovens e sua interferência artística, a partir do olhar sensível e aberto a novas alternativas, dos ritmistas mais experientes da bateria adulta.

No ano 2000, mestre Gustavo era ainda um menino quando ouvia os ritmistas dos Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro inovarem com uma bossa, bastante inovadora e fora dos padrões de desenho de tamborim, dos ritmistas de mestre louro. Dois anos depois, integrantes da furiosa, atentos à criação no mundo das miudezas salgueirenses, não tiveram dúvidas em sugerir que o Salgueiro levasse para a avenida a bossa entoada pelas crianças, em suas invencionices primeiras nos tambores do samba e que casava tão bem com o difícil samba escolhido como hino da agremiação daquele 2002, ano em que a Acadêmicos do Salgueiro levou para a Marquês de Sapucaí o enredo “Asas de um sonho, viajando com o Salgueiro, o orgulho de ser brasileiro”. O trecho do samba dos compositores Leonel, Luizinho Professor, Serginho 20, Sidney Sã, Claudinho e Nêgo que recebeu a bossa foi o seguinte:





“Vou zuar,
Nem melhor e nem pior, amor
O Salgueiro vai eternizar
Vida e voo de um sonhador”

O samba, criticado à época do desfile, assim como o enredo escolhido, em tempos de enredos patrocinados de gosto duvidoso, ganhou um tempero a mais com a bossa da meninada. Quando as mesmas crianças “subiram” para a bateria mãe, ainda adolescentes, a troca foi ainda mais intensa e o jovem grupo não parou mais de criar possibilidades, como contou Gustavo no *Conversamba* /2019.

2. RELAÇÕES DE ALTERIDADE NAS AGREMIÇÕES MIRINS.

Nunca duvide que um pequeno grupo de cidadãos preocupados e comprometidos possa mudar o mundo; de fato é isso que o tem mudado.

MARGARET MEAD

Alteridade do latim *alteritas* é a compreensão que parte do pressuposto básico de que o ser humano social interatua e é interdependente do seu distinto. Logo, é a capacidade de se colocar no lugar do diferente nas trocas interpessoais. Relação com grupos de trabalho, grupos de família, entre outros. Assim, como muitos estudiosos, pesquisadores, antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do “eu-individual” só é permitida mediante a interação com o outro, ou seja, o outro. Para Bakhtin (1927/1829) a alteridade é fundamento da identidade. Relação é a palavra-chave na proposta de Bakhtin. Eu apenas existo a partir





do Outro. “Mas é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e do contexto da situação social complexa em que aparece” (BAKHTIN, 1927 e 1929).

Seguindo este caminho, partiremos para os acontecimentos que nos fizeram pensar este ensaio. Situações como a acontecida na escola vermelha e branca da Tijuca, o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, só são possíveis quando temos sujeitos que estão abertos e dispostos para perceber o outro, estabelecendo uma relação dialógica, em que o que se fala ou faz, impacta verdadeiramente as suas subjetividades e a de seu interlocutor, independente de gênero, idade ou qualquer outro fator de diferenciação:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, Jorge, 2018, p. 25)

Estar aberto aos novos acontecimentos e vivê-los no toque, no olhar, na escuta, no sentir, no arrepiar é o meio mais concreto para se adquirir uma confiança. Tais experiências encontradas nas escolas de samba mirins, e, principalmente pela Aprendizes, onde já passaram Dudu Nobre (cantor), Lucinha Nobre (porta-bandeira), Thiago Diogo (mestre de bateria), Zé Paulo Sierra (intérprete), quando crianças, entre outros, tem





formado não somente novos sambistas, mas, artistas repletos de bagagem, experiências, confiança, cheios de particularidades e principalmente brilho no olhar pelo o que fazem. De coração e com paixão. Interagindo com os outros segmentos, com a diretoria, com a comunidade em geral. Que vivem de fato e contribuem para o acontecimento da escola. Conferindo novos sentidos às práticas.

Podemos inferir que a particularidade das interações ocorridas entre as crianças está nos modos criativos e inovadores de como elas tratam as questões do cotidiano. Nas interações com seus pares, as crianças, ao se defrontarem com as determinações das instâncias de socialização, as práticas “adultocêntricas” e as regras e normas da estrutura, conseguem dar outro sentido à ordem estabelecida. Mais uma vez, essas interações envolvem divergências, contestações, aceitações e transgressões, mas é a partir desses embates pautados nos princípios difundidos pela sociedade que as crianças orientam suas ações e compõem algo diverso, acrescentando, interpretando e conferindo novos sentidos às práticas e aos discursos sociais”. (GOMES, Lisandra Ogg., 2015, p. 138)

Alteridade então, é muito mais que um conceito, é uma prática. Reconhecer que existem culturas diferentes e interagir com elas respeitando sua integridade. Nesta acepção, o reconhecimento da alteridade é a primeira ação para construir-se uma sociedade mais justa, respeitosa e democrática. E as escolas mirins se colocam neste lugar facilmente lindamente. Sendo os desfiles dessas escolas não competitivo, não tendo uma escola campeã, mas, todas saem e terminam como vencedoras. Teriam então as escolas do grupo especial e dos outros grupos a aprenderem algo com as escolas mirins?





3. ESCUTEM OS TAMBORES DAS CRIANÇAS

Quer ser feliz? Observe as crianças.

ALOC OLIVEIRA

A história contada pelos jovens mestres salgueirenses nos remete a conhecida história dos Ibejis, orixá com representação dupla. Por serem crianças, são relacionados a tudo que se inicia e brota, como a nascente de um rio, o nascimento dos seres humanos, o germinar das plantas. Também são capazes de desfazer o trabalho de outros, mas de produzir o que ninguém pode desfazer o que os Ibejis fizeram. São divindades gêmeas, sendo costumeiramente sincretizadas aos santos gêmeos católicos Cosme e Damião.

Em uma das histórias míticas mais conhecidas sobre os Ibejis, filhos de Xangô e Iansã que foram abandonados e, em seguida, adotados por Oxum, Orunmilá consulta o oráculo de Ifá que diz que só os Ibejis são capazes de deter Iku, a morte, que assombrava os humanos. O recurso dos gêmeos para driblar a morte foi o toque insistente do tambor. Com a força mágica do tambor, os Ibejis salvaram o homem da morte.

Dentro deste contexto, trazemos este salvamento, como forma de ilustrar o que ainda se tem vivo, pulsante, forte, intenso na relação das crianças com o mundo. Só os Ibejis eram capazes de deter Iku, a tal morte com o toque do tambor. Onde estaria em pleno 2021, depois de tempos sombrios no samba a força capaz de reinventar, refazer, repensar, salvar o samba que agoniza? Chegou a hora das crianças serem vistas, ouvidas e lembradas. Com mais força para protagonizar travessias. Inventar na avenida. Criar novas existências.





A tríade de moleques nos lembra que tocar o tambor da invocação do ser criança é também reivindicar a vida como primado das travessias do tempo. Ser moleque vadio, inventivo, brincante é estar disponível para o mundo tomado pela força radical da existência: a vida. (RUFINO E SIMAS, 2019, p. 50)

Mesmo as escolas de samba seguindo reexistindo enquanto significativos espaços de resistência cultural, construindo práticas identitárias, antirracistas, abertas à diversidade e em constante comunicação com as comunidades oprimidas e assombradas pela militarização violenta e constante em seus territórios, precisam mais ainda deixar ecoar das crianças o som que vem de seus corações. As crianças são mais fortes para resistirem. Já que viram seus mestres sobreviverem e lutarem. Conhecem e reconhecem os valores da história e que são passados de geração por geração. Um exemplo é o enredo histórico e nacionalista de 2020 do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro denominado “No Aprendizes do Salgueiro Tijucano é Cajuti” (Foto 02), que apresenta a resistência em forma de arte em desfilarm.

Sobre esse espaço diferenciado de resistência apresentado pelos mirins e que o samba os proporcionam ocupar, diferente e longe dos celulares, computadores e tablets, Muniz Sodré explica que “O samba é o meio, o lugar de uma troca social. De expressão de opiniões, fantasias e frustrações, de continuidade de uma fala (negra) que resiste à sua expropriação cultural”. (SODRÉ, 1998, p.59). As escolas de samba mirins, testemunham não só o poderio artístico das crianças, mas organizacional e intelectual. Na medida que proporcionam as crianças além de passar pelas fazes de produção do espetáculo, se apresentarem aprendendo com seus mestres que desfilam nas escolas mães.





Mestres, mais do que espelhos, são parceria nas autorias dos jovens sambistas que participam ativamente das construções de seus desfiles e da vida em comunidade. Ainda que diversos em muitos aspectos dos adultos, não só em sua natureza, mas em algumas funções sociais, as crianças não estão impedidas de exercer a sua participação na sociedade e influenciar, inclusive os adultos. Rufino e Simas reforçam que nas crianças é notória a “Existência de síncope, imprevisibilidade, possibilidade, potência criativa que concretiza no tempo do agora as realizações inimagináveis, pois são dotados de olhar de encanto”. (RUFINO E SIMAS, 2019, p. 14 e 15). Escutar o que dizem as crianças, com suas vozes ou seus tambores é uma chave para abrir portas e encontrar novos caminhos de protagonismo no mundo do carnaval.

Foto 02: Logo do enredo do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro 2020.



Fonte: <http://www.salgueiro.com.br/aprendizes-do-salgueiro/>





REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

BAKHTIN, M. (1927) *Freudism*. Nova York: Academic Press, 1976.

_____. (1926) *Le discours dans la vie et dans la poésie*. In: TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil, 1981

_____. (VOLOCHÍNOV) (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

DELGADO, Anna Karenina Chaves. **O Carnaval como elemento identitário e atrativo turístico: análise do projeto folia de rua em João Pessoa (PB)**. *CULTUR*, ano 06 – nº 04 – Out/2012. www.uesc.br/revistas/culturaeturismo .

GOMES, Lisandra Ogg., REIS, Magali dos. (orgs.). **Infância: sociologia e sociedade**. São Paulo: Edições Levana / Attar Editoria, 2015

JAVEAU, Claude. **Crianças, infância(s), crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância?** In: *Educação & Sociedade: Revista de Ciência da Educação / Centro de Estudos Educação e Sociedade – Vol. 26, Mai./Ago. – 2005*

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LOPES, Carla Machado. **Entre educação e espetáculo: escolas de samba mirins no Rio de Janeiro**. 2019. UERJ, Rio de Janeiro (Tese de doutorado em Artes)

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Flecha no tempo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019





SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

Presidência da República Casa Civil. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#:~:text=Art.%202%C2%BA%20Considera%2Dse%20crian%C3%A7a,e%20um%20anos%20de%20idade. Acessado em 21 de setembro de 2020.

